

CODA SILÁBICA NA ESCRITA INFANTIL¹

Luana de Lima²

RESUMO

A pesquisa propôs investigar o preenchimento da coda silábica na escrita dos sujeitos de Educação Infantil. Foram selecionadas seis produções textuais desenvolvidas em contexto escolar de 20 sujeitos do terceiro da pré-escola. Nessas ocorrências, atentou-se: (1) o registro da posição da coda silábica; (2) o registro de diferentes possibilidades de preenchimento no Português Brasileiro. As crianças, em certa medida, registram a posição de coda (27,44 % das possibilidades de ocorrência), em sua maioria, na posição acentuada da palavra (68,02%). Verificamos variação na percentagem dos quatro tipos de codas. Observou-se predomínio do registro da coda do tipo nasal, bem como de semivogal; o menor percentual foi verificado na fricativa; e, por fim, na coda vibrante (retroflexa). A interpretação das possibilidades de registros de coda pelas crianças foi propiciada devido à observação de um conjunto de fatores que se entrecruzam e se marcam na escrita, tais como: fono-acústicos; gráfico-visuais e fonotáticos.

Justificativa e relevância do tema

Muitas vezes, o professor não se dá conta de que textos produzidos por seus alunos em contexto escolar podem fornecer importantes indícios de como seus produtores concebem a escrita e, por extensão, a própria linguagem. Nesse sentido, determinadas marcas lingüísticas da produção textual escrita das crianças (já em seu processo de Educação Infantil) podem ser vistas (tanto por parte do professor quanto por parte dos demais profissionais que se ocupam da escrita) como pistas de um processo bastante elaborado por meio do qual esses sujeitos escreventes refletem e constroem um conhecimento sobre a escrita, tal como se pode verificar em trabalhos de orientação lingüística como os de Abaurre (1992, 1993 e 1996), Abaurre & Cagliari (1985), Abaurre, Fiad & Mayrink-Sabinson (1997), Duarte (1998) e Buin (2000).

Desse modo, ensinar e avaliar a escrita em termos do que prescrevem os critérios normativos de descrição da língua, desconsiderando-se, além disso, o contato prévio que o escrevente mantém com múltiplas práticas discursivas orais e letradas em diversas variedades

¹ Agradeço meu orientador, Lourenço Chacon pela inesgotável paciência e dedicação, nestes quatro anos de ensino. Este, que auxiliou o início de minha realização profissional e o começo de um grande sonho, com tamanha atenção e carinho, tantas coisas me ensinou, tantos passos pude dar – simplesmente, obrigada, obrigada por tudo. Agradeço ainda, Larissa Berti por toda sua ajuda e empenho, no decorrer deste trabalho.

² Iniciação Científica – PIBIC/CNPq. Fonoaudiologia, 4º ano – Orientador: Lourenço Chacon – UNESP – Universidade Estadual Paulista – Faculdade de Filosofia e Ciências – 17525-900 – Marília – SP. E-mail: luana0707@yahoo.com.br

de uso da língua, significa conceber a escrita meramente como um produto formal que se pode avaliar em termos de certo ou errado. Perde-se, com isso, um conjunto de preciosas informações sobre o próprio processo de produção da escrita e, conseqüentemente, sobre o conhecimento que a criança vai formando sobre essa modalidade da linguagem no curso de seu aprendizado formal.

Como parte das atividades do *Grupo de Pesquisa “Estudos sobre a linguagem”* (CNPq), o que se propõe neste artigo é uma ampliação de conhecimentos sobre a aquisição de escrita com ênfase em um aspecto até o presente momento ainda não estudado nas pesquisas do referido Grupo. Destaque, a esse respeito, que, até o presente momento, as pesquisas do Grupo voltaram-se exclusivamente para questões de escrita de estudantes do Ensino Fundamental. Nossa nova proposta visa, antes, o estudo de marcas da construção da escrita por parte de sujeitos que freqüentam o terceiro ano da Educação Infantil, etapa que imediatamente antecede o ingresso das crianças na primeira série do Ensino Fundamental.

Como recorte, trata-se de observar, na construção da escrita, marcas da inserção do sujeito escrevente em práticas orais e letradas constitutivas de seu aprendizado institucional da escrita. Privilegiaremos aquelas marcas que, dentre as questões que mais intrigam alfabetizadores (e, mesmo, estudiosos da aquisição da linguagem, tanto em sua modalidade oral quanto em sua modalidade escrita) envolvem o preenchimento da coda silábica. Esse preenchimento, em nosso estudo, será visto relativamente à organização da estrutura silábica na escrita, tal como descrita por Abaurre (1999). Nesse sentido, nossa abordagem se diferencia daquelas que vêem a questão centrada apenas na relação direta grafema-fonema – abordagens que, de certo modo, supõem uma independência do fonema em relação a outros elementos da organização fonológica da língua. Em outra direção, vemos a importância de se estudar o preenchimento da coda na correspondência grafema-fonema fazendo referência à sílaba, tal como destaca Abaurre (1999), na medida em que a sílaba é vista, mesmo em perspectivas fonológicas diferentes como as assumidas por Jakobson (1985) e Selkirk (1982), como o lugar central de organização dos segmentos, fato que acreditamos se dar tanto nos enunciados falados quanto nos enunciados escritos.

Para o desenvolvimento de nosso estudo, tomamos como base a teoria métrica da sílaba, tal como elaborada por Selkirk (1982), segundo a qual a sílaba é uma unidade fonológica dotada de uma estrutura não linear de constituintes, que definem uma hierarquia interna. Essa não linearidade pode ser vista na própria organização da sílaba: nessa teoria,

uma sílaba é constituída de um ataque e de uma rima, que, por sua vez, é formada por núcleo e por coda.

Assim como ocorre em qualquer língua, no Português Brasileiro, há uma padronização específica de QUAIS e QUANTOS segmentos podem ocorrer em cada posição. Além disso, há uma padronização de quais elementos (na hipótese de haver mais de um em determinada posição) podem se combinar, desde que em obediência aos princípios universais de estruturação da sílaba, principalmente o da escala ascendente e descendente de sonoridade.

Na padronização da sílaba no português brasileiro observa-se o seguinte:

- (1) o **núcleo** é obrigatoriamente preenchido, e sempre por uma vogal;
- (2) o **ataque** pode ser preenchido por uma ou duas consoantes (por exemplo, respectivamente, na sílaba PA da palavra *pato* e na sílaba PRA, da palavra *prato*). Essa mesma posição pode ser também preenchida por uma semivogal (por exemplo, na sílaba IA do nome *Iara*) ou por uma seqüência de consoante + semivogal (por exemplo, na sílaba QUA da palavra *quatro*). Finalmente, a posição do ataque pode ainda não ser preenchida por nenhum segmento, como ocorre na sílaba O da palavra *ovo* ou na sílaba AR da palavra *árvore*.
- (3) a **coda** pode ser preenchida por uma ou por duas consoantes (por exemplo, respectivamente, na sílaba POR da palavra *porta* e na sílaba TRANS da palavra *transpor*). Também essa mesma posição pode ser preenchida por uma semivogal (por exemplo, na sílaba MAU do nome *Mauro*) ou por uma seqüência de semivogal, mais 1 ou 2 consoantes (por exemplo, respectivamente, na sílaba única da palavra PAIS e na sílaba BÉNS da palavra *parabéns*). Assim como ocorre no ataque, também a posição da coda pode não ser preenchida por nenhum segmento, como ocorre na sílaba TA da palavra *carta*.

Tendo em vista o preenchimento da coda silábica pelas crianças em processo de aquisição da escrita, acreditamos que nossa proposta se justifica na medida em que, num plano mais teórico: (1) poderá contribuir para a compreensão do funcionamento da linguagem, sua organização e características; e (2) poderá fornecer maiores informações sobre o processo convencionalmente chamado de aquisição da escrita.

Além desse tipo de contribuição, num plano que envolve o trabalho com a aquisição da escrita, o presente artigo poderá contribuir para as reflexões teóricas e para a prática pedagógica de professores que introduzem a criança no universo da escrita formal e poderá fornecer subsídios para o trabalho que é desenvolvido com a escrita em outras áreas do conhecimento, como, por exemplo, a Fonoaudiologia. Nessa área, em particular, as

contribuições da Linguística para a compreensão dos problemas de escrita poderiam favorecer mudanças nas estratégias utilizadas nas intervenções fonoaudiológicas, tanto em escolas quanto em clínicas.

Objetivos

No interior do quadro apontado, a proposta deste artigo será norteadada pelos seguintes objetivos gerais:

- buscar em que medida o trabalho do sujeito com a linguagem escrita é determinado pela sua inserção em práticas orais;
- buscar em que medida as práticas letradas, em contexto institucional ou não, funcionam como um aspecto constitutivo da produção escrita das crianças;

A proposta será, ainda, norteadada pelos seguintes objetivos específicos:

- observar se crianças em contexto de educação infantil marcam, em sua escrita, a posição de coda silábica;
- no caso de marcarem, observar se essas mesmas crianças registram as diferentes possibilidades de coda silábica do Português Brasileiro;

Metodologia

Como fonte, utilizamos dados extraídos de textos produzidos – em contexto escolar – por 20 crianças de ambos os sexos (10 meninos e 10 meninas), entre cinco e seis anos, que, em 2005, freqüentavam o terceiro ano da Escola Municipal de Ensino Infantil (EMEI) *Raio de Sol*, do município de Marília (SP). Levamos em consideração, para a escolha dos sujeitos, sua freqüência de participação em propostas (maior do que 85%) que visavam verificar em qual das etapas do processo de alfabetização, tal como concebido por Ferreiro e Teberosky (1985), encontravam-se as crianças da rede municipal de Ensino.

Em outras palavras, essa atividade tinha como objetivo especificar se a criança encontrava-se nas chamadas fases: (1) *pré-silábica* – definida pelo emprego de grafemas aleatórios, sem nenhuma correspondência detectável com fonemas da língua; (2) *silábica* – em que um único grafema corresponde a toda uma sílaba; (3) *silábico-alfabética* – em que se encontram momentos nos quais um grafema vale por uma sílaba, alternados com momentos nos quais um grafema corresponde a um fonema da língua; e, por fim, (4) *alfabética* – em que

os grafemas apresentam, na grande maioria de seu emprego pelas crianças, correspondência com os fonemas.

Quanto ao nível socioeconômico, a EMEI “Raio de Sol” é uma escola em que se encontram alunos considerados como de classe média baixa.

Conforme antecipamos, os textos selecionados responderam a propostas textuais norteadas por diretrizes da Secretaria Municipal de Educação de Marília e/ou previamente estabelecidas pelo conjunto de professores da escola em que foi desenvolvida a coleta. Portanto, em respeito a esses procedimentos da Secretaria e da escola, o pesquisador não interferiu no tipo de atividade textual que os professores desenvolveram com os sujeitos em sala de aula.

O trabalho de coleta foi desenvolvido nos seguintes meses: Fevereiro, Março, Abril, Maio, Junho, Agosto, Setembro e Outubro. Prevíamos, originalmente, um total de oito propostas de avaliação, uma a cada mês letivo. Entretanto, duas delas foram retiradas da amostra da pesquisa (a do mês de junho e a do mês de outubro), permanecendo, desse modo, seis propostas. Isso porque a primeira dessas duas propostas mobilizava um texto livre cujo tema era a festa junina da escola; já na segunda, foi oferecida a possibilidade de escolha livre entre qualquer texto que continha música ou parlenda antes já trabalhadas em sala, o que nos dificultaria a padronização da quantidade de codas possíveis.

Desse modo, computamos um total de 120 textos (6 propostas x 20 sujeitos).

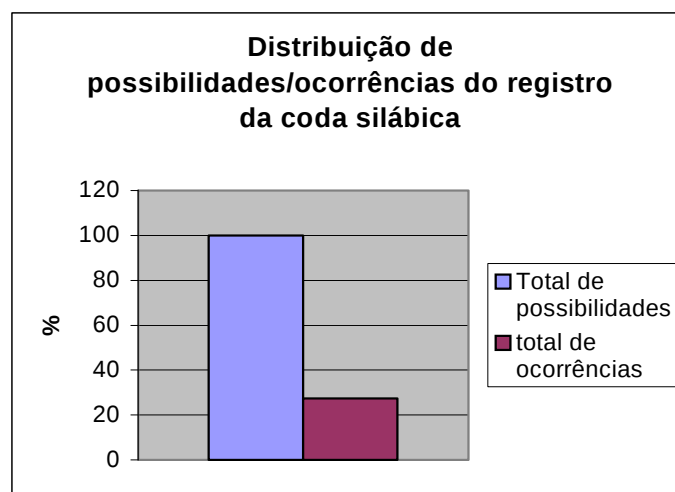
Resultados

Para melhor expormos os resultados a que chegamos, vamos retomar nossos objetivos específicos:

- observar se crianças em contexto de educação infantil marcam, em sua escrita, a posição de coda silábica;
- no caso de marcarem, observar se essas mesmas crianças registram as diferentes possibilidades de coda silábica do Português Brasileiro;

Com relação ao primeiro objetivo específico, para fazermos comentários sobre ele, vejamos informações expostas no Gráfico 1:

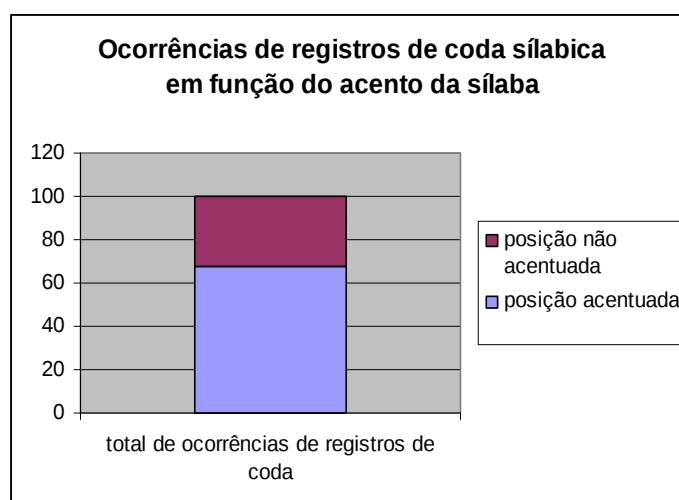
Gráfico 1: Distribuição de possibilidades/ocorrências do registro da coda silábica



Como se pode verificar, as crianças em certa medida marcam, em sua escrita, a coda silábica. Do total de 900 possibilidades de coda para o total de nossos sujeitos (o que corresponde a um percentual de 100%), houve, por parte do conjunto dos sujeitos, um total de 247 marcações, que correspondem a um percentual de 27,44% das possibilidades de ocorrência.

Um fato interessante que pôde ser observado quanto ao registro de coda silábica nas palavras pelas crianças foi que, em sua grande maioria (68,02%), este ocorreu quando a coda encontrava-se em posição acentuada na palavra (sílabas acentuadas), conforme demonstra o Gráfico 2 abaixo:

Gráfico 2: Registros de coda silábica em função do acento da sílaba.



Exemplos desse fato são os seguintes:

Coda nasal: “SENTA”

SENTA

Coda semivogal: “MUITA”

MUITA

Coda retroflexa: “ANDAR”

ANDAR

Coda fricativa: “MOTORISTA”

MOTORISTA

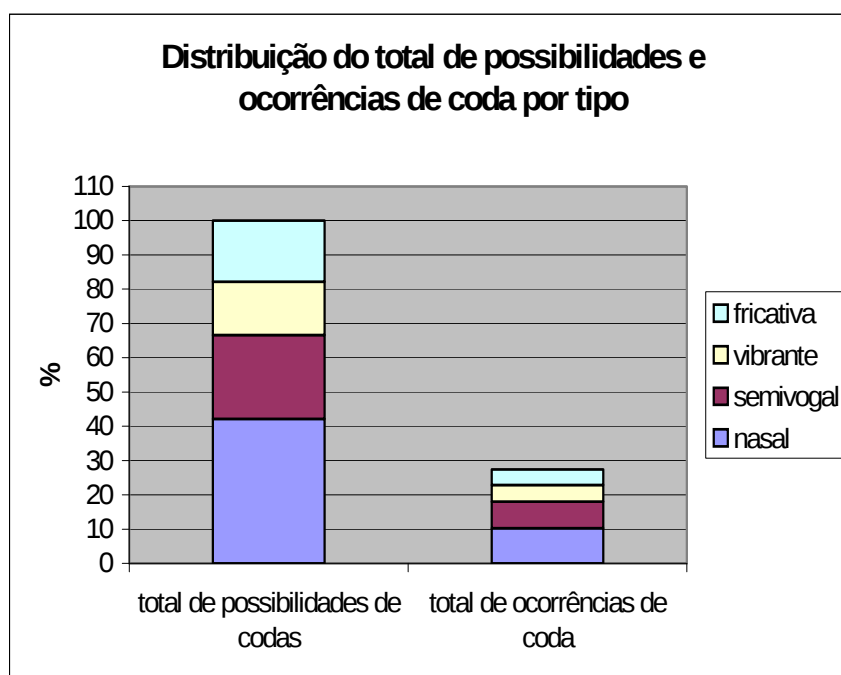
Note-se que, no exemplo de coda retroflexa, a criança teria a possibilidade de registrar as duas codas, a nasal, em posição não acentuada e a coda retroflexa, em posição acentuada. Como pode ser visto acima, a criança apresentou um registro somente da coda acentuada (retroflexa), uma vez que o registro da coda nasal (“n”) foi feito posteriormente na correção, pela professora.

No tocante ao segundo objetivo específico, constatamos que há uma variação quanto aos quatro tipos de codas marcadas pelas crianças, ou seja, não há equivalência entre os tipos de codas marcadas, conforme ilustrado na Tabela 1 e no Gráfico 3 abaixo:

Tipos de coda	Total de possibilidades de codas	%	Total de ocorrências de coda	%
Nasal	380	42,22	92	10,22
Semivogal	220	24,44	70	7,77
Vibrante	140	15,55	44	4,88
Fricativa	160	17,77	41	4,55
Total Geral	900	100	247	27,44

Tabela 1: Distribuição do total de possibilidades e ocorrências de coda por tipo.

Gráfico 3: Distribuição do total de possibilidades e ocorrências de coda por tipo.



A Tabela 1 e o Gráfico 3 acima nos permitem detectar, nos dados, uma variação na percentagem quanto aos quatro tipos de coudas marcadas pelos sujeitos. Observou-se um predomínio da registro da coda do tipo nasal, já que, do total de 42,22% de possibilidades, houve, por parte dos sujeitos, o registro de 10,22%; o segundo posto de maior percentual foi para a semivogal, uma vez que, dos 24,44% de possibilidades, registraram-se 7,77% deste tipo de coda; o menor percentual verificado foi na fricativa, pois, dos 17,77% de possibilidades, os sujeitos marcaram um total de 4,55%; e por fim, o segundo posto de menor percentual verificado foi na coda vibrante (retroflexa), já que, de um total de possibilidades de 15,55% para este tipo de coda, houve o registro de 4,88%.

Com estes dados, podemos observar uma ligeira inversão na relação possibilidades/ocorrências de coudas vibrantes e fricativas. As coudas fricativas apresentam uma *maior* percentagem quanto a suas possibilidades (17,77%); no entanto, houve uma *menor* percentagem quanto ao registro dos sujeitos (4,55%). Inversamente, as coudas vibrantes apresentam uma *menor* percentagem quanto a suas possibilidades (15,55%); no entanto, uma *maior* percentagem quanto a seu registro por parte das crianças (4,88%).

A seguir, apresentamos exemplos de cada uma das possibilidades dos quatro tipos de coda encontradas nos textos dos sujeitos:

Coda nasal: “ANDAR”

ND
IDAR
AN

Coda semivogal: “COM”; “EU”;
“MI IITA”

COU EÔ
M EU
MI IITA

Coda retroflexa: “SEM
PARAR”

SEM
CEPARAR

Coda fricativa: “PELAS RUAS”

PLA UAS
PE LAS RU

Discussão

Retomaremos as principais tendências verificadas nos resultados e levantaremos algumas hipóteses explicativas para eles.

Uma **primeira tendência** verificada foi a de que as crianças, em certa medida, marcam a posição de coda silábica (27,44%). No entanto, pudemos observar que não foi uma percentagem alta de registro.

A baixa percentagem de registro pode ser explicada pela própria posição da coda na estrutura silábica, aliada a fatores acústico-perceptuais.

Como vimos na Introdução deste trabalho, a sílaba, no português brasileiro, pode ou não ser preenchida em suas extremidades, ou seja, pode ou não apresentar segmentos que ocupem a posição de ataque e a posição de coda. Quando tal preenchimento ocorre, tanto no ataque quanto na coda há um aumento de complexidade da estrutura silábica (BISOL, 1989).

Evidência desse aumento pode ser também observada na aquisição fonológica de enunciados falados, uma vez que as crianças adquirem esse tipo de estrutura (preenchida por coda), mais tardiamente (por volta dos cinco anos de idade). (LAMPRECHT *et alli*, 2004, p. 171).

Além disso, do ponto de vista fonético, a sílaba pode ser vista como o produto final de movimentos musculares realizados sob pequenos jatos de ar da corrente expiratória, compreendendo três momentos diferentes de força muscular. No primeiro momento, há uma intensificação da força muscular, o que corresponde ao ataque silábico. No segundo

momento, ocorre o limite máximo desta força, correspondendo ao núcleo silábico, sendo obrigatório o seu preenchimento por uma vogal no PB. Por fim, no último momento, há uma redução gradativa desta força muscular, correspondendo à posição de coda silábica.

Pelo fato da posição de coda corresponder ao decréscimo da força muscular, os segmentos que ocupam esta posição podem ser, do ponto de vista acústico-perceptual, menos proeminentes devido a sua menor duração e intensidade (JAKOBSON, 1985, p. 69).

Desse modo, aspectos fonéticos e fonológicos que caracterizam a sílaba, aliados a fatores acústico-perceptuais, podem explicar a baixa porcentagem de registro de coda em crianças durante a fase de aquisição da escrita.

A **segunda tendência** observada nos resultados foi a de que as crianças, ao marcarem as diferentes possibilidades de coda silábica do Português Brasileiro, as registram de forma não-linear, ou seja, não há equivalência nos resultados de registros quanto aos quatro diferentes tipos de codas.

A não-linearidade dos registros pode ser explicada tanto pela frequência de ocorrência de cada tipo de coda encontrada no PB, quanto por características acústico-perceptuais de cada uma delas.

O predomínio de nasais pode ser explicado devido à sua alta frequência de ocorrência no léxico do Português brasileiro. Com base em dois *corpora* do PB (um relativo à língua falada, compreendendo 57 gravações do projeto NURC; outro relativo às palavras que compreendem o Minidicionário Aurélio), Albano (2001, pág. 146) verificou que, dentre todas as possibilidades de coda do PB, a nasal é a mais frequente, correspondendo a 39,4% no léxico dicionarizado e a 37,3% no léxico da língua falada.

Além disso, pode-se considerar que a nasal, em si mesma, constrói uma grande classe, em termos de ressonância, que a diferencia das demais possibilidades de coda do Português Brasileiro. Como se sabe, a ressonância nasal está associada a um fluxo de ar nasal, com pressão e volume relativamente grandes (CAGLIARI, 1981, p. 84). Esse tipo de ressonância é bastante distinto daquele verificado nos outros tipos de segmentos que podem ocupar a posição de coda, todos caracterizados por ressonância na cavidade oral.

O segundo posto de maior percentual ter sido a coda semivogal parece se explicar por uma sensibilidade talvez acentuada das crianças à transição entre segmentos. Essa sensibilidade se justificaria pela característica acústica dinâmica das semivogais (estrutura

formântica em mudança gradual), além do fato de o próprio ouvido humano ser mais sensível a pequenas mudanças quando em regiões de frequências mais baixas (JOHNSON, 1997).

O segundo posto de menor percentual ter sido verificado na vibrante (retroflexa) pode ser explicado por sua característica acústica, a saber, padrões formânticos bem definidos, tipicamente menos intensos do que os das vogais adjacentes (KENT e READ, 1992).

O menor percentual de registro foi verificado na coda fricativa. Explica-se esse menor percentual, talvez, pela maior concentração de energia acústica das fricativas em região de frequências mais altas; portanto, menos favoráveis à sensibilidade perceptual do ouvido humano (JOHNSON, 1997).

Por fim, obtivemos uma maior percentagem de registros em sílabas acentuadas, ou também chamadas de tônicas. Isso parece ser explicado pela tendência de uma melhor percepção das sílabas que possuem, como características acústicas, maior intensidade e maior duração. Sílabas acentuadas são produzidas com um “pulso torácico reforçado”, havendo nelas uma maior quantidade de jato de ar, quando comparada à das sílabas não-acentuadas ou átonas (SILVA, 1999, p. 77).

Mais uma vez, fatores de ordem fonético-fonológico que caracterizam a sílaba aliados a fatores acústico-perceptuais parecem explicar esta maior percentagem de registros de sílabas acentuadas.

Considerações Finais

Na medida em que foram buscados indícios da circulação dos sujeitos escreventes em práticas orais e letradas, outros tipos de subsídios também foram necessários, especialmente para explicarmos fatos ligados à estrutura silábica e a seu funcionamento no conjunto de dados que compuseram o nosso *corpus*.

No que se refere à inserção dos sujeitos por práticas de oralidade, destacamos um aspecto que se mostra como particularmente saliente para crianças em construção da escrita, a saber, a percepção da sílaba como constituinte prosódico já em sua própria fala, bem como na fala de seus interlocutores. Desse modo, fatores de ordem acústico-perceptuais parecem contribuir para as interpretações dos registros de coda das crianças.

Seguem abaixo dois exemplos retirados nos dados de diferentes sujeitos e diferentes propostas que podem explicar tal consideração:

O sujeito 1 registrou: BÃO para a palavra “Bom”. Esse registro nos faz pensar que tal sujeito possa ter registrado desse modo esta palavra em seu texto provavelmente em razão de ouvi-la e/ou de falá-la dessa maneira em sua variedade lingüística.

Fato semelhante pode ter ocorrido com o sujeito 2. Esse sujeito registrou palavra “sem” como ci “ci”. Mais uma vez, esse registro nos faz pensar na possibilidade de o sujeito ter registrado esta palavra de tal maneira por detectar, em sua forma falada, uma ditongação que, embora não prevista pelas convenções ortográficas, ocorre em sua variedade falada.

Por outro lado, também buscamos em que medida as práticas letradas, em contexto institucional funcionam ou não como um aspecto constitutivo da produção escrita das crianças, uma vez que os registros de codas dos sujeitos, não fugiram das possibilidades da língua.

No que se refere à inserção dos sujeitos em práticas de letramento, destacamos um aspecto particularmente saliente dessas práticas em contexto escolar, a saber, a sensibilidade da criança à constituição do código escrito institucionalizado (CORRÊA, 2004), tal como ele é, mais particularmente, trabalhado em contexto escolar.

Seguem-se, logo abaixo, outras duas ocorrências de nosso material, produzidas por diferentes sujeitos e em diferentes propostas.

O sujeito 1 registrou: BTO para a palavra “bateu”. Como se sabe, a semivogal [u] em posição de coda, quando escrita, pode ser registrada com o grafema “u”, com o grafema “o”, ou ainda, com o grafema “l”. Assim, a não-obediência às convenções ortográficas, nesse caso, indicia uma oscilação da criança entre três possibilidades ortográficas para um mesmo som, oscilação que certamente lhe é provocada pelo fato de estar inserido em práticas de letramento, nas quais teve contato com essas diferentes possibilidades.

Analogamente, ao escrever a palavra “sem” como ZEN, a não-obediência às convenções ortográficas também decorre da inserção do sujeito em práticas de letramento, nas quais teve contato com diferentes possibilidades ortográficas para a coda nasal.

Adicionalmente, a análise dos dados obtidos em nosso trabalho mostra a importância de assumir uma perspectiva diferente daquela que toma a escrita como espelho da fala. Na aquisição fonológica normal, a maioria das crianças, aos seis anos de idade, já apresenta a aquisição completa dos fonemas em posição de coda. Se a escrita fosse de fato espelho da fala, não haveria uma percentagem tão pequena de registro de coda silábica nos dados analisados.

Portanto, acreditamos que nosso estudo pode fornecer subsídios para as diferentes áreas que trabalham com o processo de aquisição da escrita. Além de contribuições teóricas sobre a escrita inicial, pode também contribuir para uma melhor compreensão dos problemas envolvidos neste processo, possibilitando mudanças nas estratégias utilizadas nas intervenções, tanto em escolas quanto em clínicas.

Destaca-se, a propósito, que marcas como as que privilegiamos em nosso estudo são frequentemente vistas como erros, diferentemente da postura que assumimos em relação a elas, a saber, como índices de hipóteses que os escreventes, em suas tentativas iniciais de escrita, formularam sobre essa modalidade da linguagem em construção e que ainda não dominam.

Referências

ABAURRE, M. B. M. O que revelam os textos espontâneos sobre a representação que faz a criança do objeto escrito? In: KATO, M. A. (Org.) *A concepção da escrita pela criança*. Campinas: Pontes Editores, 1992. p.135-142.

_____. Língua oral, língua escrita: Interessam, à lingüística, os dados da aquisição da representação escrita da linguagem? In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO DE LINGÜÍSTICA E FILOGIA DA AMÉRICA LATINA, 9; 1993, Campinas. *Atas...* Campinas: UNICAMP, 1993. v. 2, p.361-381.

_____. Os estudos lingüísticos e a aquisição da escrita. In: CASTRO, M. F. P. (Org.) *O método e o dado no estudo da linguagem*. Campinas: UNICAMP, 1996. p.111-163.

ABAURRE, M. B. M. Horizontes e limites de um programa de investigação em aquisição da escrita. In: LAMPRECHT, R. R. (Org.) *Aquisição de linguagem: questões e análises*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999. p.167-186.

_____. CAGLIARI, L. C. Textos espontâneos na primeira série: evidência da utilização, pela criança, de sua percepção fonética para representar e segmentar a escrita. *Cadernos Cedes*, São Paulo, v.14, p.25-29, 1985.

_____.; FIAD, R. S.; MAYRINK-SABINSON, M. L. *Cenas de aquisição da escrita*. Campinas: Mercado das Letras, 1997.

ALBANO, E. C. *O gesto e suas bordas: esboço de fonologia acústico-articulatória do Português brasileiro*. São Paulo: Fapesp, 2001. (Coleção leituras no Brasil).

BISOL, L. O ditongo na perspectiva da fonologia atual. *D.E.L.T.A*, São Paulo, v. 05, n. 2, p. 185-224, 1989.

BUIN, E. *A referenciação no processo de aquisição da escrita*. 2000. 140 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) - Instituto de Estudos Lingüísticos, Universidade Estadual de Campinas; Campinas, 2000.

CAGLIARI, L. C. *Elementos de fonética do português brasileiro*. Tese (Livre Docência em Lingüística)- Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas; Campinas, 1981.

CORRÊA, M. L. G. *O modo heterogêneo de constituição da escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

DUARTE, C. *Uma análise de procedimentos de leitura baseada no paradigma indiciário*. 1998. 164 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) - Instituto de Estudos Lingüísticos, Universidade Estadual de Campinas; Campinas, 1998.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

JAKOBSON, R.. Fonema e fonologia. In: SAUSSURE, F. et al. *Textos selecionados*. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985.

JOHNSON, K. *Acoustic and auditory phonetics*. Cambridge: Blackwell Publishers, 1997.

KENT, R.; READ, C. *The acoustic analysis os speech*. San Diego: Singular, 1992.

LAMPRECHT, R. R. et al. *Aquisição Fonológica do Português: perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia*. Porto Alegre: Artmed, 2004. p. 171.

SILVA, T. C. *Fonético e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. São Paulo: Contexto, 1999.

SELKIRK, E. O. The syllable. In: HULST, F. V.; SMITH, N. (Org.). *The structure of phonological representations*. Dorddrecht: Foris, 1982.

ARTIGO RECEBIDO EM 2007